

Proteção de um Símbolo



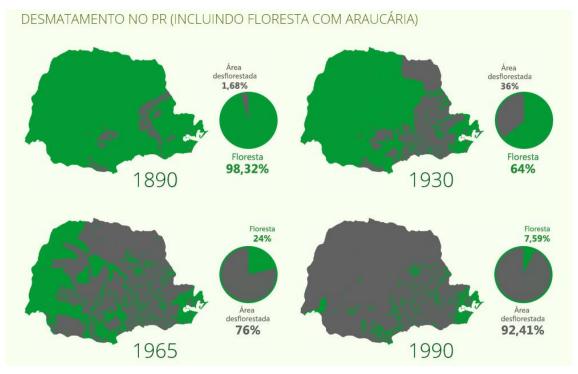
O pinheiro-do-paraná, também conhecido como pinheiro-araucária, pinheiro-brasileiro, entre outras denominações, é uma espécie que teve sua origem há 200 milhões de anos, quando surgiram as árvores primitivas com sementes sem frutos, as coníferas, ordem a que pertence a *Araucaria angustifolia* (Bertol) Kuntze.



Foto:Daniel Castellano/Gazeta do Povo

O pinheiro-do-paraná apresenta grande porte, podendo atingir até 50 metros de altura, formando o estrato superior da floresta. A espécie destaca-se na paisagem pela rara beleza. Os pinheiros dominaram a paisagem no Sul do Brasil, na sua área de ocorrência, provavelmente desde a última glaciação até o final do século XIX; contudo, na atualidade, sua área remanescente é bem menor, comparativamente aos 200 mil km² estimados da área originalmente ocupada.

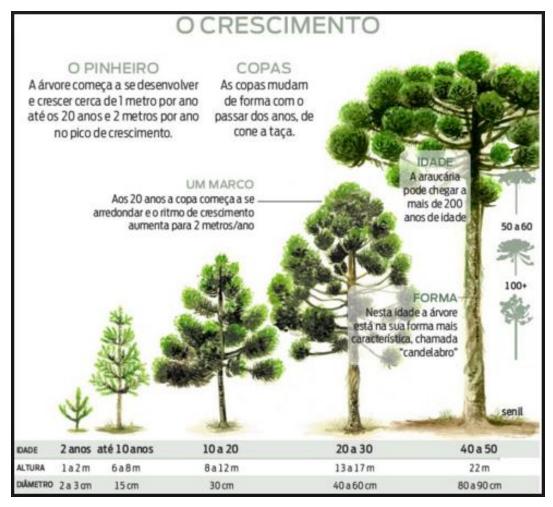
"Araucária não é peça de museu. Sem manejo adequado, elas serão extintas e vão virar somente uma fotografia". Emite o alerta Flávio Zanette, doutor em Fitotecnia, Universite de Clermont II, UCII, França e professor titular da Universidade Federal do Paraná. "Está comprovado experimentalmente e descritivamente que a araucária não se regenera dentro da floresta. A exploração madeireira e a legislação ambiental estão entre as principais causas que têm contribuído para que a araucária integrasse a lista das espécies em extinção. Prova disso é que no início dos anos 1940 a mata de araucária compunha 15% do território gaúcho, 25% do território catarinense e 35% do paranaense. Contudo, em menos de 80 anos, essa mata nativa foi reduzida a "1,5% no Rio Grande do Sul, em torno de 3% em Santa Catarina, e no Paraná, conforme o levantamento feito pela Fundação de Ciências Florestais, não chega a 1,5% de mata virgem em relação ao original".



Fonte: EcoDebate, 2013

Nos últimos 30 anos, em função da legislação ambiental, a qual proíbe o corte das araucárias e exige uma série de certificações para aprovar o corte das espécies plantadas pelos produtores rurais, tem havido uma prática comum: a supressão antecipada da araucária. "Quem tinha uma área de terra começou a cortar todas as mudas de araucária que nasciam, justamente para

não perder aquele espaço, porque uma vez que as araucárias crescessem, elas não poderiam ser cortadas. Esse tipo de atitude passou a ser muito normal no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, porque os agricultores ficaram revoltados por não poder explorar o espaço da propriedade plantado com araucária", relata. Ainda, "a legislação ambiental esqueceu que em contrapartida ela deveria garantir uma política de incentivo ao plantio". Segundo ele, as pesquisas recentes têm demonstrado que a simples preservação das araucárias em mata fechada não garante a preservação das espécies, ao contrário, à sombra da mata fechada tem dificultado o desenvolvimento de novas plantas.



Fonte: Autor desconhecido, imagem retirada de http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ritmo-de-regeneracao-das-araucarias-e-preocupante-0216q6xu4dor9miinmqf76enw

É possível salvar a araucária?

Sim, perante aos fatos relatados, observamos que o homem explorou demais esta espécie e que por si só ela não tem forças para recuperar sozinha sua hegemonia. Precisamos produzir mudas e plantá-las.

Com esta visão ecológica, de que precisamos fazer alguma coisa e com a esperança de que autoridades revisem o conceito da legislação atual, a cada ano são produzidas pelo Centro Estadual Florestal de Educação Profissional Presidente Costa e Silva inúmeras mudas de pinheiro.

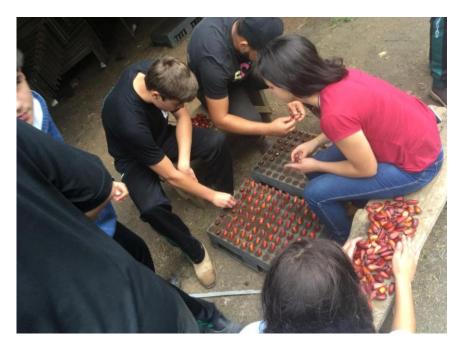
Os alunos do curso Técnico em Florestas Integrado, sobre a disciplina de Tecnologia de Produtos Florestais, aproveitam seus conhecimentos na área e realizam a semeadura de pinhões com técnicas específicas para a propagação da espécie. Neste ano aproximadamente 2000 sementes foram utilizadas pelos alunos, uma pequena contribuição de nossa instituição para com o futuro das próximas gerações.

Vejamos algumas fotos:























O professor Eduardo Matheus Coltro, que contribui com esse trabalho, fez questão de mostrar também as mudas, quais foram produzidas no ano anterior, e que já se encontram prontas para serem levadas a campo para o plantio.





Texto de Eduardo Matheus Coltro Professor da disciplina de Tecnologia de Produtos Florestais